

MONTIJO

Semanário Republicano Regionalista de Propaganda e Defesa dos Interesses do Concelho de Montijo

DIRECTOR E EDITOR

João António Xavier Lopes

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça 1.º de Maio — MONTIJO

Propriedade da «Empreza de Publicidade do Montijo»

COMPOSTO E IMPRESSO
NA TIPOGRAFIA Simões—Setubal

Reaparecendo...

Modesto, pequenino, orgulhoso de ter servido a nossa terra, de ter visto o triunfo de todas as suas campanhas, «Montijo» sente-se igualmente orgulhoso de ter despertado nesta vila o interesse pelo jornalismo que até então estivera adormecido.

Pela sua feição acentuadamente regionalista e pelo seu carácter republicano, «Montijo» é o jornal que convem ao povo da nossa terra. Viveu sempre com uma integridade moral digna de nota, sem ferir susceptibilidades, sem intenção de maguar quem quer que fôsse, no desejo único de bem servir todos os nossos conterrâneos. Motivos imperiosos deram origem à sua suspensão. Mas o «Montijo» ainda não morreu. Continua vivendo para o povo e constituindo um padrão das reclamações satisfeitas dos últimos tempos.

Pela necessidade periódica da garantia do título, vimos hoje, por acaso, e para surpresa geral, aparecer novamente perante o público desta vila que sempre nos acolheu com extraordinário agrado. Podíamos fazê-lo mais tarde, quisemos porém aproveitar a oportunidade imperiosa do momento... por espírito de boa camaradagem. E ao fazê-lo cumprimos saudar, com grande satisfação, todo o povo da nossa querida terra, desta terra, a que damos todo o nosso insofismável carinho, não no intuito de comercialismos torpes, mas no desejo único de a vermos engrandecida.

Novo vapor

Segundo nos informam já vem a caminho de Portugal o novo vapor, adquirido pela Empreza Marítima de Transportes Ld.ª, na Alemanha, e destinado às carreiras entre esta vila e a Capital,

RENOVAÇÃO

Nós, os novos, assistimos a um período de renovação mundial tão cheio de peripécias e de desilusões que perentoriamente tudo leva a crer que este movimento renovador é condicionado pelas mesmas forças evolutivas que têm feito as transformações políticas na história de todos os povos.

A humanidade é levada pela força dum constante progresso para novos e variados sistemas, infalíveis no tempo, impossíveis de sustentar praticamente. insofismáveis no conceito, afirmativamente precisos e imprescindíveis.

A Europa atravessa um período de renovação, tão convulsivo e obscuro, que a única verdade de hoje é a surpresa de amanhã.

A Alemanha debate-se violentamente, intensivamente entre polos de significado político diferente, que o tempo, mais razoável que os homens há-de solucionar de harmonia com as condições civilizadoras do momento. Este espírito de reacção parecendo triunfar, nega, contradiz os princípios civilizadores que a própria evolução condena.

Nós não confiamos que a grande massa popular mundial pense em voltar ao que foi, contraditando o seu próprio espírito anti-reaccionário, esmagando as suas aspirações de liberdade e de justiça.

Seria o maior contrasenso e nós acreditaríamos também que o homem pudesse voltar à pré-história. Mas não, que o tempo retempera, renova e ilumina os espíritos sujeitos à lei sagrada da evolução, dando-lhe o mais elevado ideal e uma mentalidade nova. O espírito reaccionário da Alemanha tem de interpretar-se como consequência da sua situação de país vencido, e o que aparentemente é reacção de sistema político interno é antes parece-nos, oposição à reacção internacional. A Alemanha quer a sua situação internacional de país livre e por isso reage. Hitler é o símbolo da força cega e efémera que a revolta de momento aproveita, mas que se apaga com a paz, que morre ao primeiro impeto. Hitler será vencido quando a Alemanha conquistar a sua situação de país livre. Hitler é como um tornado africano, mas sem deixar vestígios de maior.

Dêem-lhe os Estados a sua situação de igualdade internacional, de estado livre, e ela seguirá a mesma trajectória evolutiva do mundo. O espírito reaccionário só se sustenta pela força, escravizando a inteligência, mas a força por grande que seja, não pode sustentar a marcha acelerada do progresso e cai à face da razão clara e ineludível.

A hora que passa é do povo porque o povo é a própria consciência mundial que constitui e forma as grandes nacionalidades.

Tudo o que não seja pelo povo é contra ele e a sua liberdade e bem estar são princípios sagrados de que ele não prescinde.

LUÍS CARLOS

O QUE É A VIDA

P'ra que nascemos nós oh! minha amiga
Se tantas coisas temos que sofrer?
Para que havemos nós de padecer
Tormentos e desgostos desta vida?

A vida é toda feita de incertezas,
Desilusões, agruras e desditas
Que seguem por estradas infinitas
Arrastando atrás de si grandes tristezas.

Se este mundo é só de ilusões,
Eu pergunto a mim mesmo vagamente
Porque nascemos nós para sofrer?

Se o sofrimento mata os corações
E nos mata a nós mesmo lentamente
Quando temos a sina de morrer?

Maria Leonor de Azevedo Galvão de Mello

A suspensão de «A Ideia»

Da redacção de a «A Ideia» recebemos o seguinte comunicado:

Por motivos estranhos á nossa vontade somos forçados, a suspender temporariamente o nosso jornal. Temos pena de que assim tenha de acontecer, no momento em que a «A Ideia» estava sendo enriquecida por nova e abundante colaboração de figuras distintas do meio político e social.

Será certamente uma suspensão de poucas semanas que passarão depressa na vertigem dos tempos modernos cheios de imprevistos e de surpresas. Ninguém perde, por consequência, pela demora.

Nós também já estávamos necessitando dum fériasinhas para retemperar as forças e os nervos...

Vamos aproveitar este tempo para melhorar consideravelmente o nosso corpo redactorial e entrar em negociações para a compra dum tipografia, base extremamente necessária para o desenvolvimento gráfico do nosso jornal.

Voltaremos, pois, brevemente, com mais alma, com mais energia combativa, para uma acção mais eficaz.

Suspendemos... mas ficaremos suspensos, como a espada da justiça, pronta a abater-se repentinamente sobre o aglomerado dos preconceitos.

Meia dúzia de semanas passam depressa, quasi sem os nossos amigos darem por isso. Cremos, mesmo, serem benéficas as saudadezinhas que possamos criar em alguém.

Como somos de muito boas contas não daremos, com a nossa suspensão, meio centavo de prejuízo aos nossos queridos assinantes e anunciantes. Por isso, todos aqueles que tenham assinaturas anuais ou pagamentos que vão além do último número de «A Ideia» e que não queiram esperar o reaparecimento breve do jornal, podem dirigir-se à nossa Administração, pessoalmente ou por escrito, que lhes serão restituídas as importâncias a seu favor.

Pelo mesmo motivo solicitamos dos nossos assinantes e anunciantes o pagamento dos débitos em atraso logo que lhes seja apresentado o respectivo recibo, visto a cobrança do segundo trimestre, ainda estar por fazer e desejarmos encerrar o mais breve possível as nossas contas.

Os esperantistas que não tenham paciência para esperar pelo nosso regresso e que desejem continuar a receber as nossas lições, poderão requerê-las por meio dum simples postal enviado a esta redacção. Envia-las emos, directamente, por correspondência.

Para todos os assuntos, em geral, podem os interessados dirigir-se à Redacção ou à Administração deste jornal que continuarão a funcionar como se «A Ideia» continuasse a sua publicação.

FÓCOS DE INFECCÃO

Num apelo feito no jornal «A Ideia» em prol da luta contra a tuberculose, encontrava-se a certa altura: «destruindo as igrejas e as prisões...»

Pois bem: Houve um pateta, ou melhor, um parvo de alto calibre, que é ao mesmo tempo um atrasado, mas que se julga com alguma importância, que se riu e perguntou «o que tinha a igreja que fizesse mal a alguém?» Não entrando em considerações muito profundas — em que lhe demonstraria, claramente, o criminoso papel desempenhado pela igreja no decorrer dos séculos — eu responder-lhe-ia com palavras razas e simples, mas com argumentos sólidos, alicerçados, inabaláveis e indestrutíveis que a igreja tem sido mais prejudicial á humanidade que todas as pestes que a tem assolado.

Mas como se falou em tuberculose, comecei por mostrar a esse palerma que a igreja é Incontestavelmente um foco de tuberculização e acabaria por lhe dizer que ele é uma cabeça ôca e destituído do mais tenue espírito de observação, porque, se tivesse fôsforo, veria o que vêm os espíritos livres e se ele não vê é porque é um obsecado. Então esse palerma não vê toda a casta de gente a beijar as imagens e as suas vestes?

Não calcula quantas bôcas imundas e empestadas tem beijado o calcanhar do senhor dos paços? Não vê a quantidade infinita de mendigos que vão beijar os santos para assim ver se conseguem ter melhor sorte?

Sim; ele é parvo, porque não faz nem ao de leve, a mais pequena ideia de quantos milhares de micróbios são depositados, durante o dia, nesses lugares, por pessoas atacadas de tuberculose e sífilis e que são recolhidos pelas bôcas puras e inocentes das crianças que, criminosamente, são impelidas para a igreja onde vão também beijar as vestes sagradas!

Seria infinitivamente humanitário que na imprensa republicana, com a eloquente linguagem que lhe é peculiar, se mostrasse ao povo ignaro e obsecado as supremas belezas que encerra a casa de deus...

S. F.

O dever de todos os republicanos é auxiliar a sua imprensa

Recomendamos aos nossos correligionários os seguintes jornais republicanos:

«Diário da Noite», de Lisboa.
«República», de Lisboa.
«Diário Liberal», jornal da manhã a aparecer em 1 de Julho próximo.
«O Povo», diário do Funchal.
«A Vitória», de Setubal.
«O Raio», da Covilhã.
«Linha Geral», de Leiria.
«Voz da Justiça», de Figueira da Foz.
«O Porvir», de Beja.
«Ala Esquerda», de Beja.
«Liberdade», de Lisboa.
«O Povo de Penafiel», de Penafiel.
«Voz do Sul», de Silves.
«Eco do Barreiro», do Barreiro.
«Gazeta do Sul», de Vendas Novas.

Recomendamos ainda as revistas:
«Seara Nova», a mais bela revista portuguesa de doutrina.
«O Relâmpago», revista de cultura actualidades.

DUAS ESPECIES

Sendo o nosso paiz estruturalmente republicano, uma coisa sucede no entanto: — haver duas espécies de republicanos.

Estas espécies não são encaradas sob o ponto de vista partidário, mas sim restritamente pessoal. A cada passo nós encontramos hoje republicanos que, como possessos, nos atiram á cara o seu republicanismo, arrotando serviços e aparentando valentias que na maioria dos casos são objecto de dúvidas. Ao contrário, outros ha que, calados, metidos na sua modestia, para a República trabalham e por ela tem feito e farão os maiores sacrificios que um cidadão pode cometer. Vejamos os dois casos.

Ha republicanos que se sentam comodamente, criticando o trabalho dos outros, a acção que os seus irmãos de ideal estão desenvolvendo, sem que eles, contudo, participam desse combate. Mais ainda: — ha republicanos que não assinam jornais republicanos e que ainda se permitem menosprezar a intenção dos outros, dos que, correndo todos os riscos e sofrendo dificuldades de toda a espécie, sofrem ainda comentários fáceis, que poderiam amargar e desgostar se porventura as opiniões pessoais nos influíssem no ânimo.

Esses homens, contudo, ainda que se digam republicanos, não possuem o civismo suficiente para colocar o ideal republicano acima das questões pessoais, a sua conveniencia propria, de todas as pequeninas e mesquinhas questiúnculas que a proposito de tudo, surgem sempre em qualquer parte.

Por nós, pessoalmente, estes casos não nos incomodariam se, com isso, a ideia republicana não sofresse directamente na sua essencia.

Por todo a paiz a imprensa republicana faz constantes apelos para que os republicanos assinem a imprensa propria, não a deixando definhir e morrer. O que significa isto? Que a grande maioria dos nossos correligionários não dedicam á sua imprensa o carinho, a atenção e o auxilio que lhe deveriam dispensar.

Fazer afirmações de republicanismo é alguma coisa, mas colocar esse ideal acima de tudo, lutar pela República sem olhar a homens nem a questões pessoais, representa hoje o dever que sobre todos os republicanos se impõe, dever indeclinavel que ninguem pôde engeitar.

Resumindo: — mais união, mais dedicação, e menos espirito de critica e de maledicencia, para que os nossos objectivos possam ser plenamente atingidos e para que a obra do futuro possa nestaquiilo que todo o paiz ardentemente deseja, que todos nós merecemos pelos sacrificios feitos.

E' sobre assuntos e problemas de caracter geral que a nossa observação e estudo deve recair, desprezando tudo o que seja de caracter pessoal ou particular.

Que a República esteja sempre acima de tudo, nas nossas intenções, e nos nossos actos. Tudo o que não seja isso não nos preocupa nem nos interessa.

Assinar este jornal, é defender os interesses da região do Montijo

ESQUEMA DO JOGO DOS 1.ºS "TEAMS"

	Livres	Bolas de saída	Corners	Defesas
A favor do Aldegalense				
1.ª parte	5	5	3	4
2.ª parte	3	12	—	8
A favor do 11 Unidos				
1.ª parte	13	15	2	10
2.ª parte	8	2	3	3

ESQUEMA DO DAS RESERVAS

	Livres	Bolas de saída	Corners	Defesas
A favor do Aldegalense				
1.ª parte	12	2	2	2
2.ª parte	8	10	3	5
A favor dos 11 Unidos				
1.ª parte	12	11	—	14
2.ª parte	12	4	—	8

Na primeira parte o Onze Unidos foi punido com um *penalty-kick* por falta do seu *goal-keeper*.

Físico-cultura

FOOT-BALL RESERVAS

DOMINGO, 12 DE JUNHO DE 1932
NO CAMPO DO ONZE UNIDOS

Onze Unidos, 1 — Aldegalense, 0

Efectuou-se o segundo jôgo para disputa do bronze «Vencedor» triunfando desta vez; o Onze Unidos.

Arbitrou o Sr. Antonio Barata, cujo trabalho não satisfez. Teve vários deslises, sendo o maior de todos, pela sua importancia, na jogada que proporcionou a marcação do único *goal* do encontro e de que resultou a vitória para o Onze Unidos, pois o extremo esquerdo deste club encontrava-se nitidamente off-side ao receber a bola.

PRIMEIROS TEAMS

SEGUNDA-FEIRA, 13 DE JUNHO
DE 1932 NO CAMPO DO
ALDEGALENSE

Aldegalense, 4 — Onze Unidos, 0

Sob a direcção do Sr. Carlos Canuto, jogaram estes clubs a segunda partida para a «Taça António Jorge Gomes Júnior».

O resultado foi absolutamente justo, visto o Aldegalense, ao contrario do seu adversário, ter feito uma boa actuação.

O Sr. Canuto realizou uma arbitragem que agradou.

ANUNCIO

(1.ª publicação)

Pela Comissão de Assistencia Judiciaria na 2.ª vara civil de Lisboa, cartorio do escrivão do 1.º officio Goulartt de Brito, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação d'este anuncio, intimando Rafael dos Santos Pereira, trabalhador cujo ultimo domicilio foi em Estrada Nova, Casas do José da Carolina, Comarca do Montijo, e actualmente em parte incerta para, no prazo de cinco dias, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, opedido, de Assistencia Judiciaria, feito por sua mulher Jacinta Gouveia, que tambem usa Jacinta Rosa Gouveia, domestica, residente na Travessa dos Lagares, n.º 15, 1.º d'esta cidade, para o efeito de poder intentar contra aquele uma acção de divorcio litigioso nos termos da artigo 4.º n.º 8 do Decreto de 3 de Novembro de 1910.

E para constar se passou o presente afim de ser devidamente publicado.

Lisboa, 21 de Maio de 1932.

O Escrivão Ajudante,

Antonio Matos

Verifiquei e Exactidão:

O Presidente da Comissão,

Azaredo Perdigão

VENDE-SE

Parte da Cortiça das Herdades de S. Julião e Courela da Figueira, na freguesia de Canha.

Nesta Administração se informa.

Em Lisboa

A conferencia do eminente republicano, sr. Dr. Sá Nogueira

O sr. Dr. António Sá Nogueira, advogado dos mais prestigiosos, membro do Conselho Central da Ordem dos Advogados, e um dos chefes do Grupo de Estudos democráticos, acaba de fazer em Lisboa, na sede do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, uma notabilíssima conferência sobre «Inglaterra e ingleses».

Orador de grandes recursos, e, sobretudo, mentalidade das mais sólidas e mais equilibradas das elites portuguesas, S. Ex.^a durante largo tempo prendeu, seduziu a formidável assistência com descrições, conceitos e críticas do grande povo que, como poucos portugueses, tão bem conhece. Alguns períodos soltos;

— Para os ingleses, a beleza importa menos que a realidade.

— A Inglaterra é um país onde a vida é incompreensível sem liberdades.

— A Inglaterra tem hoje a Revolução declarada em quasi todos os seus dominios.

— As cidades inglesas são cidades sem lendas, sem espírito, sem alma.

— Se a cidade é a prosa dos ingleses, o campo é a sua poesia.

— Digo e repito: Quem me dera, em Portugal, uma monarquia como a inglesa.

No final, o sr. Dr. Sá Nogueira foi vivamente cumprimentado por muitas das mais valorosas individualidades da nossa terra, como os srs. Drs. Brito Camacho, Marques Guedes, Vasco Borges, Alves Ferreira, Pereira Dias, comandante Peres Trancoso, Drs. Lino Franco, Mac-Breid, Caldeira Coelho, Augusto Pinto, Ferreira de Castro, Bourbon e Menezes, Simões Travassos e Norberto d'Araujo, etc., etc.

Noticias pessoais

Casamentos

No passado domingo, 12 do corrente, realizou-se o enlace matrimonial da Ex.^{ma} Sr.^a D. Ofelia Tavares Soeiro com o nosso estimado assinante e amigo, Sr. Alfredo Valentim de Oliveira. Parinifaram o acto por parte da noiva, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Carmina de Jesus Marques e o nosso querido director Sr. João Antonio Xavier Lopes, e por parte do noivo, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Luiza Soeiro Xavier Lopes e o Sr. Antonio de Oliveira, respectivamente irmã e cunhado da noiva,

Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

— Também se realizou no passado domingo, na capital, o enlace matrimonial da Ex.^{ma} Sr.^a D. Almerinda da Conceição dos Santos, filha do Sr. Artur dos Santos e da Ex.^{ma} Sr.^a D. Deolinda Cerdeira, com o nosso prezado amigo e assinante Sr. Júlio Baltazar Ferreira. Foram padrinhos por parte da noiva, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Isabel Balbina Silveira Castro Lemos e Silva e o Sr. José Alexandre, e por parte do noivo, sua mãe, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Florinda Baltazar Ferreira e o Sr. Arnaldo de Brito Figueiroa.

Com as nossas felicitações, desejamos aos noivos uma prolongada lua de mel.

Este numero foi visado pela censura

TRIBUNA LIVRE

DE... CRUZ ÀS COSTAS

Respondendo ao "A propósito dum artigo"

Para bom entendedor... é um adágio bastante antigo, que raro se pode ajustar a pessoas que julgam ter capacidade intelectual para discernirem o que não se pode dizer por claro.

Isto serve de preâmbulo ao artigo com que o Sr. J. Adoc pretende que lhe responda. Como estamos em maré de preâmbulos em tudo o que seja para atirar para as tipografias, eu deixo de me insurgir contra a vetusta mania de massar o complacente leitor com o resumo do que se vae escrever, ou com a auto-apresentação, e passo a fazer preâmbulo tambem, neste pequenissimo bocafundo de remendos mal alinhavados e mal compostos,

Principia o sr. J. Adoc por nos chamar ignorante, estúpido e não sei que mais adjectivos infamantes para outro que não nós, que os aceitamos sem uma hesitação, sem o mais pequeno fremir na órbita, mas antes com a certeza absoluta de que os merecemos prodigamente, e que já os usávamos a sós com a nossa consciencia.

Depois o sr. J. Adoc diz que achou muita graça ao que escrevemos e que a boca se lhe arrepanhou num sorriso irónico, e talvez um pouco zombeteiro.

Tem piada! Nós estamos tambem a achar muita graça ao artigo do sr. J. Adoc, e a nossa boca pequena e vulgarmente séria, agora, por um capricho malévolo da sorte, se nos franziu num risinho petulante, e mais que petulante de insolencia atrevida.

E diz o mesmo senhor, que se nós o vissemos naquela ocasião, lhe atiraríamos dois murros, quebrando assim a disciplina do nosso espírito.

Com franqueza! Que mal nos julga o sr. Adoc! Perdão, que nós esquecíamos do J. inicial! Então o senhor seria capaz de esmurrarmos as ventas, como qualquer vulgar «boxeur» que se preza o faz aos seus adversários de ocasião!

Ora! Ora!... sr. J. Adoc. Não nos julgue tão mau, e vamos ao que nos interessa.

O senhor que tanto viu nas entrelinhas, não atingiu o que eu queria que o senhor atingisse. Já é ter infelicidade. Bem se vê que o senhor nasceu numa terra onde há uma *universidade* com fama universal!

Eu principiei por dizer — recorda-se? — que «o ensino, tal qual é ministrado nas nossas escolas, nada faz para que futuramente a geração que desponta, esteja apta a assimilar, compreender e usar as liberdades que o Ideal mais belo em todos pode espargir».

Compreendeu? Se o senhor fôsse realmente um pouco mais esperto — vamos lá a empregar a sua fraseologia — não teria botado tanta asneira nas colunas dum Jornal que não tem culpa que o não saibam ler. Estou mesmo a ver que o senhor não está a compreender nada. Mas vamos lá com paciencia.

No meu insípido artigo, não mostrava nem queria mostrar aos professores um método para se ensinar pedagogia. Queria dizer, simplesmente, que a orientação do ensino deveria ser de forma a que os alunos comessem por obter conscientemente a noção exacta do que será o «amanhã».

Não está ainda a compreender, aposto. Mas vamos lá ainda com paciencia: os senhores professores — conteste-me — não relatam os factos históricos em que o povo batalhou contra quem o queria escravizar, com a precisa exactidão.

Veja-se o exemplo das cidades livres que floresceram antes da Idade-média. Os professores explicam com nitidez

como era a sua organização, como era a sua vida em comum, como usavam os seus direitos e as suas liberdades?

Esfarelei bastantes calções nos bancos escolares e não me lembro que me tirassem descrito *exatamente* como nasceram, viveram e progrediram esses centros humanos.

O senhor Adoc — lá me esqueci outra vez do J péde-me que lhe dê um método pedagógico, e ri-se as bandeiras despregadas com a ideia da minha atrapalhão. Ora o método... posso dar-lho, sim senhor. O senhor é republicano? Do tempo da propoganda? Ah! logo vi. Pois deixe isso, meu caro senhor!

Deixe esfumarem-se no horisonto que lhe fica atraz de si essas ideias antigas e pense num outro Ideal mais humano e mais belo. E a seguir, mesmo sem eu lho dizer, você começará a ensinar doutra forma, começará a empregar mais Bondade nos seus actos, começará a dizer todas as Verdades, e com a absoluta certeza de que diz Verdades incontestáveis.

Ora aí tem o Método. Ora aí tem um método que o fará rir, ainda, mas com um riso mais amarelo, mais indeciso: um riso que se estiolará a pouco e pouco, como uma rosa murchando ao sol.

Mas, conversemos ainda. Diz o meu caro sr. Adoc — meu caro!... sabe-lhe bem este tratamento, hein! — que o ensino religioso foi abolido nas escolas officiaes desde 1910. Sim senhor! Muito bem! Como republicano de propoganda, o senhor não esqueceu as leis dos primeiros ministros da república.

Mas oiça cá: o senhor não sabe que há escolas particulares neste seu tão famoso país? E não sabe que na maioria das escolas particulares, a religião é o tema capital da pedagogia que aí é ministrada?

Olhe. Vou dar-lhe só dois exemplos: Aqui, em Montijo, existe uma igreja que, como é natural, tem o seu dignissimo sacerdote. Pois sua reverendissima dá lições a garotos. E não é para extranhar que não tenha por remuneração proventos materiaes, os tenha espirituales. A igreja — o catolicismo — pagar-lhes-á para isso, creio.

Outro exemplo: na travessa do Loureiro, a Sta Maria, faz esquina para a rua Alves Correia um vasto casarão antigo, cujo ensino é subordinado ás teorias católicas. E são de tal força as donas, as santas beatas, daquele modelar estabelecimento de ensino, que fizeram substituir imediatamente uma das professoras do seu colégio, porque esta senhora cometeu o *horrível crime* de consorciar-se civilmente.

Bastam-lhe estes exemplos; Seria fácil arranjar mais, muito mais. Mas isso seria compôr um registo de moradas e nomes, bastante curioso, mas dispensável para nós que não temos a excentrica mania das estatísticas.

Por último, o sr. J. Adoc afirma com sincera convicção: «que sendo o professor republicano na sua generalidade, não faz distinção na escola, considerando todos uma grande família, tratando igualmente o filho do sapateiro, do ferrador e o filho do doutor». Ainda que tenhamos grande vontade em acreditar no que o sr. J. Adoc diz, qualquer coisa que temos dentro em nós, não sabemos se conhecimento do que se faz, ainda, ou se reminiscencias antigas do que conosco succedeu, não podemos acreditar, repito, apezar de toda a nossa boa-vontade.

Afirmar que é uma grande família, a escola? Mas que grande disrate!

Aqui gritamos com fúria, com indomável fúria, a nossa discordancia.

Nós vimos esses exemplos; e sentimos, note bem, *sentimos* que havia qualquer diferença entre nós e os outros colegas que se apresentavam de fatos vistosos e colarinho de goma a debruar a gola do casaco impecável, contrastando com o ridículo do nosso calção de cotim e do nosso limpo bibe de riscado azul.

Sentimos quanto era deprimente para o nosso orgulho de filho da *ralé* a maneira como o professor nos tratava e como tratava os outros de fatos vistosos. E ainda que *ele*, o professor, o não quizesse mostrar na expressão do rosto, ainda que *ele* nos não batesse por irmos pobremente vestido, não havia a mesma reverencia no seu olhar, não havia o mesmo carinho na sua attitude, não havia o mesmo *quê* na sua afabilidade, que eu notava quando me falava e quando falava aos outros.

Não sucederá isto ainda?

Não decorreram já muitos anos, tantos anos que nos fizessem acreditar num «volte-face» na maneira de ser dos professores. E, se isto não fôsse o bastante, não serviria para nos identificar quanto à conduta dos professores, o que vemos ainda, tal qual como dantes, tal qual como será «amanhã, tal qual como será sempre até que os homens aprendam a ser profundamente egualitários?

Não tenho razão, sr. Adoc? Não será isto uma verdade, sr. Adoc? Se o senhor é filho da plebe, se o sr. tem orgulho na sua humilde ascendencia, o senhor não se lembra do que se passou consigo?

Se, pelo contrário, o senhor descende de familia burguesa, e andou de fatinhos vistosos pela escola, o senhor trata agora com a mesma atabilidade o seu colega do professorado e aquele seu antigo companheiro de brincadeira, que teve por desgraça sua, o emprego servil de fragateiro?

Chame a isto filosofia de parvo; diga, se lhe aprouver, que eu não faço o que digo e que as minhas teorias egualitárias não são para meu uso próprio.

E' natural que a conversa com um intelectual seja mais agradável que a possamos travar com um carroceiro. Mas, por causa disso, é justo que finjamos que não vemos o carroceiro que outrora foi nosso amigo, quando eramos tão ilustrado como *ele*, e agora por nos julgarmos alcandorados nas cuiadas da Ciencia e da Glória, façamos vista grossa quando passamos por *ele*?

Vá, senhor espertalhão, chama-me ignorante e estúpido! Chama-me pedagogico invulgar! Vomite para cá toda a sua filosofia de pequeno burguez!!!

Quere um método diferente do que o senhor usa? Avance na ideologia, tenha por norte a estrela única da Eguualdade! E verá que belo método o senhor terá, e verá quão diferente será a sua maneira de ensinar quando olhar os homens absolutamente iguais entre si, sem distinção de espécie alguma!

Vá! Mostre a filosofia da sua terra, terra linda, fronteira à nossa linda Lisboa!

Deixe-me ainda repetir, que talvez o senhor não tivesse compreendido bem. O intuito que eu dei ao meu artigo, não era o de amar-me em pedagogico. Era outro. Era outro muito diferente. Era um intuito que talvez o senhor não queira aproveitar, visto que é burguez e é cioso da sua burguesia.

Adeus, meu caro senhor Adoc. Oxalá que o senhor ache graça ainda desta vez, e não venha dar-me os dois murros que queria para você.

Que, já agora, ainda que nunca me passasse pela cabeça o vir a ser Jesus Cristo Júnior, subirei de joelhos o meu Calvário, tal qual como o outro de... Cruz ás costas.

A. Rosado

CACILHAS-SINES

CARREIRAS DIARIAS

Procurai sempre os esplendidos auto-cars da

PALMELENSE

Partida de Cacilhas ás **7,10 e 17,30**
 " " Sines ás **6,20 e 16**

Partida de Montijo para Setubal

MONTIJO (a) 8,20 e 16
 PINAL NOVO 8,50 e 16,30
 CHEG. A SETUBAL 9,25 e 17,05

(a) Esta carreira é que vem do Samouco, passando por Alcochete.

Partida de Setubal para Montijo

SETUBAL 11 e 18
 PINHAL NOVO 11,40 e 18,40
 CHG. A MONTIJO 12 e 19 (a)

(a) Esta carreira é a que segue para Samouço, passando por Alcochete.

Comodidade e segurança



A oficina de

Antonio Joaquim Iça

fornece, para revenda
 uma enorme variedade
 de brochas, pinceis, vas-
 souras de palma, junco
 e piassaba, escovas e
 diversos artigos do
 Algarve.

R. Joaquim de Almeida, 37



Antonio Joaquim Dias

proprietario de

A ESTRELA LUZITANA

sita na Rua Joaquim de Almeida,
16 e 18

participa a V. Ex.^{as} que, além
 dos seus artigos de mercearia,
 tem, para venda por grosso e a
 retalho, um enorme stock de

deliciosos cafés lotados



Mercearia, Fazendas e tabacos

DE

JOSÉ ANTONIO DE FARIA

Rua Teofilo Braga, 67 — MONTIJO

PENSÃO MONTIJO

DE

LUCILIA C. NEPOMUCENO

Recebe comensais; diárias por preços muito módicos. Esmerado aceio.

R. ALMIRANTE REIS

na oficina de

F
U
N
I
L
E
I
R
O

L
A
T
O
E
I
R
O



de **João Sampaio de Oliveira**
 R. Teofilo Braga, 47, 47-A -- MONTIJO

Tipografia SIMÕES

SETUBAL

JORNAIS E OBRAS DE LIVRO
 FACTURAS E ENVELOPES
 CIRCULARES E MEMORANDUNS
 CARTÕES DE VISITA E DE LUTO
 PROGRAMAS E CARTAZES, ETC.

R. ALVARO CASTELÕES, 28
 TELEFONE 71

OFICINAS MODERNAS, MOVIDAS
 A FORÇA MOTRIZ